

## TRANSCRIÇÃO - ALVARO FERREIRA

Primeiramente, vou agradecer ao convite da organização do evento, é um prazer enorme estar aqui, alguns eu conheço, outros ainda não. E eu queria começar pelo título, porque quando me convidaram a ideia era que falássemos dos projetos de pesquisa. E aí eu pensei, bom, nada mais interessante que eu apresentar em primeira mão o projeto que eu enviei para o CNPQ, de graduação da bolsa de pesquisar do CNPQ. E o título é, Metropolização do espaço cotidiano e ação: desvelando a produção alienadora da cidade e buscando indícios de insurgência. Antes de começar a falar, um “bocadinho”, sobre isso, gosto de pensar em duas frases, uma eu não iria falar, mas depois da fala do professor Luciano me deu vontade de dizer isso, que Horácio Capel certa vez disse que: “Se a geografia não for humana, ela não é geografia”. E isso, em um primeiro momento, pode parecer algo absurdo, né? Já que, ora e a geografia física? Isso não é geografia então? Que absurdo! Mas não é disso que o Horácio Capel fala, quando ele diz, “Se a geografia não é humana, ela não é geografia”. Quando ele fala sobre isso, ele diz, que a dimensão humana é fundamental para a geografia, por que, senão, de fato, não é geografia. E geologia, é o “raio que o parta” que for, mas não é geografia. Bom, essa é a primeira frase. A segunda é um fragmento de um texto do Ítalo Calvino, “eu gosto muito do Ítalo Calvino”, e ele diz assim: “Pra descobrir quanta escuridão existe entorno é preciso concentrar o olhar nas luzes fracas e distantes”. E porque que tem haver o Ítalo Calvino, exatamente porque eu estou procurando os indícios de insurgência, e os indícios, muitas vezes eles vão aparecer, justamente, nessas pequenas luzes fracas e distantes. Essa pesquisa é um desdobramento, evidentemente, da pesquisa anterior que eu venho fazendo. Que começa quando a gente se forma efetivamente e começa a pesquisar, eu tenho uma coisa, estou com cinquenta e um anos, e aí já tenho uma estradinha um pouquinho maior que a de vocês, e essa pesquisa agora que eu falei com vocês é um desdobramento teórico do projeto de pesquisa anterior, que fez parte de um outro projeto de pesquisa do CNPQ. Naquele projeto, eu analisava de alguma maneira a incorporação da racionalidade do planejamento

estratégico ligado a produção das cidades, ela vinha, efetivamente, contribuindo para o acirramento da segregação e para uma espécie de urbanização banalizada. E o que eu venho desenvolvendo a algum tempo e que durante a execução dessa pesquisa, eu percebi que o processo de metropolização do espaço exercia cada vez mais influência na própria produção do espaço urbano. E aí a produção das cidades, ela é obviamente, produzida através de intencionalidades, e essas intencionalidades são de fato materializadas pela sustentação a um momento que é marcado pela metropolização do espaço, atualmente no século XXI, esse novo momento trouxe, eu diria que fatos novos, mas também algumas permanências. Processos novos, outros revisitados, outros que se constituem e se realizam através de processos anteriores. E a metropolização do espaço vai fazer parte desse momento, e vai contribuir, justamente para a realização de profundas transformações da forma, da estrutura e das dinâmicas urbanas. Esse processo não vai excluir, aquilo que o filósofo francês Henri Lefebvre, já denominou lá no início dos anos de 1970, de urbanização completa da sociedade. Aliás o processo de metropolização do espaço, tenho falado que ele incorpora isso. E o fenômeno de metropolização do espaço está para os dias atuais, assim como aquele processo estava para Lefebvre no início dos anos de 1970, final dos anos 1960, no século passado. Então, de alguma maneira é por isso que eu digo que a metropolização incorpora algumas características e desenvolve outras. Então a reflexão acerca das novas estruturas, dinâmicas e processos na produção da cidade, me levou a ter conta dessa metropolização do espaço, a partir das noções de espaço, cotidiano e ação. Então, de alguma maneira, eu vou perceber que a configuração de um cotidiano programado, que ao introjetar valores, normas e modos de vida, vão contribuir para a produção alienadora das cidades. Bom, simultaneamente ao cotidiano que podemos encontrar indícios de insurgência contra essa ordem estabelecida. Portanto, talvez, a ideia de pensar que o objeto que eu estou tratando aqui da metropolização do espaço em sua produção alienadora da cidade e os indícios de insurgência no cotidiano. De alguma maneira, o objetivo principal desse projeto seja analisar, através do trinômio analítico espaço, cotidiano e ação o

processo de metropolização do espaço em sua lógica alienadora da cidade e simultaneamente a isso, a gente vai buscar os indícios de insurgência no cotidiano. Obviamente, quando a gente pensa em um trinômio analítico, eu estou falando de espaço, cotidiano e ação, a gente pensa que eles simultaneamente estão em interação e em tensão, eles se complementam, então, sobre essas múltiplas sobre determinações. E é nesse sentido que a pesquisa vem se desenvolvendo. Bom, eu poderia dizer também que a metropolização do espaço, como alguns de vocês já sabem um “bocadinho” sobre isso, eu comecei a pensar nisso, no início dos anos 2000, quando eu estava em São Paulo, juntamente com a professora Sandra Iencioni, em ocasião da tese de doutorado, e a Sandra dizia assim: “Olha, interessante essa discussão, por que estamos chegando em um processo em que a tecnologia ganha uma outra lógica”. Ai a gente pensou muito como isso se fazia, como a gente chegava a esse encaminhamento e achamos por bem, pensar nisso como a Metropolização, um fenômeno que ultrapassa a cidade, ganha o planeta. É nesse sentido que a Sandra diz metropolização do espaço, o espaço de forma geral. Então, o processo de metropolização do espaço vai guardar uma ligação com o discurso da associação entre modernização, progresso, desenvolvimento e homogeneização, porém essa tendência a homogeneização se realiza sem tensões ou sem conflitos. A metropolização do espaço vai nos levar a considerar a multiplicidade e a enorme intensidade dos fluxos de pessoas, informação, mercadorias e além disso a gente não pode esquecer que tudo, efetivamente, tem se transformado em mercadoria e o espaço não escapou disso em hipótese alguma. De alguma maneira, a pesquisa que eu realizo hoje, como disse na introdução, ela é uma continuação da pesquisa anterior e eu não tinha dito para vocês qual era o título, ela se chamava: Metropolização do espaço, segregação, urbanização banalizada e a lógica do planejamento estratégico. Então de alguma maneira eu incorporava ai a racionalidade do planejamento estratégico em análise para pensar a produção das cidades e como isso tem contribuído para o acirramento da segregação e pra realização de uma urbanização banalizada, e banalizada porque homogênea, porque cópia, porque é repetição de modelos de sucesso, já muito

realizados. Embora a pesquisa ainda esteja em curso, eu acho que no Rio de Janeiro nós estamos muito felizes, pelo menos pra pesquisar isso, não com o que está acontecendo, mas felizes no exemplo, como isso está se dando. A gente teve a Copa do Mundo, antes os Jogos Pan-americanos, está tendo o Projeto Porto Maravilha e teremos a Olimpíada, então de alguma maneira essa lógica está toda ai jogada, muito próxima de todos nós. Mesmo que eu não tenha terminado a pesquisa, embora obviamente estou em processo de finalizar antes do fim dos jogos olímpicos porque eles vão estar acontecendo. Mas alguns resultados, eu acho, poderia trazer para vocês, o primeiro é que o Planejamento Estratégico se apresenta totalmente despojado de utopias sociais, ele se produz baseado na mercadoria, na atração de capital, com necessidade ao invés de possibilidade, como categoria analítica fundamental, ou seja, como possibilidade de transformação. O que nós estamos observando tem sido a supremacia da técnica e o esvaecimento da política. Enquanto, obviamente, o exercício da liberdade humana entra em disputa de diferentes culturas possíveis, e só existe um possível, para eles. E a segunda conclusão é que a implementação do projeto Porto Maravilha, mas também os outros ligados a Megaeventos, de forma geral, a Copa e a Olimpíada, tem contribuído para a valorização dos imóveis da cidade, que tem sido altíssimo, né. A valorização tem sido altíssima e principalmente na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, tem alcançado até trezentos e oitenta por cento, nos últimos sete anos. Apartamentos em Ipanema por exemplo, passaram a custar mais caro que os das áreas mais nobres de Nova Iorque por exemplo, não só Nova Iorque, Tóquio, Paris e por ai vamos. Segundo a Associação de Dirigentes de Empresas de Mercado Imobiliário (ADEMI) do Rio de Janeiro, o aumento médio dos imóveis de quatro quartos em Ipanema chegou a trezentos e oitenta por cento, em Botafogo a trezentos e vinte três por cento, no Leblon cento e noventa e nove por cento, então Leblon subiu menos que Botafogo, claro que subiu, mas Leblon já era altíssimo, isso não quer dizer muita coisa. A Zona Norte também houve grande valorização, principalmente em áreas próximas a instalação da Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), que fez uma iniciativa incensada pela mídia como bem sucedida no combate ao crime nas favelas.

Todos nós sabemos que no fundo, isso foi muito mais um acordo do que efetivamente a resolução de um problema. Então a pesquisa também acerca dos novos eixos de expansão da cidade e de sua revalorização, trouxe novas possibilidades de investigação, todos esses processos estão associados a mais um desdobramento daquilo que eu chamei junto com Sandra Lencioni de Metropolização do espaço, entretanto, claro, a perpetuação mais cruel, vai se dar através do processo de Gentrificação e da produção da urbanização banalizada. De alguma maneira, quando a gente fala de metropolização do espaço, a gente tem lógico, de imediato, se remeter a alguns fatos que vão dar sentido a essa análise, o primeiro são considerações ao fenômeno urbano, ligados a industrialização, e obviamente industrialização que você pensava antigamente, uma industrialização que era ligada a um aglomerado de indústrias, de complexos urbano-industriais, que era a marca do modelo de industrialização, não se dá mais dessa maneira, o fenômeno metropolitano hoje está ligado a uma espécie de “desindustrialização”, a desconcentração e a explosão da metrópole, e obviamente a difusão dos códigos metropolitanos no sentido amplo dessa imagem, em um espaço muito além dos limites das regiões metropolitanas oficialmente delimitadas. Outro fato importante, vai se referir a consideração de diversos outros processos espaciais que vão acabar sendo afetados por essa transformação do urbano, para um urbano-metropolitano ou ao fenômeno urbano efetivamente. Essas manifestações podem ser percebidas nas novas formas de gestão, que propriamente é uma gestão em que o lugar e as chamadas intervenções localizadas, muitas vezes entre parcerias público-privadas, ganham ênfase, em detrimento a intervenções mais centralizadas com um papel mais diferenciador do poder público, ao mesmo tempo, a antiga dicotomia Rural-Urbano com característica de divisão de trabalho anteriores a atual, é substituída por uma espacialidade impetra, em que a dimensão metropolitana vai estar presente no rural alterando esse rural, principalmente os comportamentos, fruto da aquela difusão dos códigos metropolitanos. A metropolização marca o momento atual, da metropolização do espaço e das práticas espaciais. E obviamente que ela vai contribuir para a realização de profundas transformações nas formas, estruturas e dinâmicas

espaciais ao superar a urbanização, marca de uma geografia anterior a atual. Talvez, seja importante falar um “bocadinho” sobre a lógica dos promotores imobiliários que é um outro ponto de fundamental interesse para a gente que está estudando a metropolização do espaço. A metropolização vai incorporar algumas características anteriores e vai desenvolver outras, por exemplo, a gente está falando, claro, da grande intensidade do fluxo de pessoas, mercadorias e capitais; do crescimento das atividades de serviços com cada vez maior demanda de trabalho material; da concentração de atividades de gestão e administração; da cada vez maior utilização de tecnologias de informação e comunicação; da grande variedade de atividades econômicas, com maior ênfase em serviços de ordem superior e também da exacerbação da associação entre capitais financeiros, como dos imobiliários e da indústria da construção, além de obviamente, da produção de modos de viver e consumo que vai, definitivamente, espelhar nos modos de vida da metrópole, não só do urbano, mas do urbano-metropolitano. A metropolização do espaço, nesse sentido, não vai se restringir apenas a regiões metropolitanas, ela incorpora cidades medias, pequenas, o chamado mundo rural, muito transformado e incorporado urbanidades. A dinâmica desse processo de metropolização vai contribuir para a transformação do mercado do solo urbano, que vai passar por essa intensa valorização. E a gente percebe aí a importância da propriedade privada do solo como condição indispensável da produção imobiliária formal. Essa elevação de preços, faz com que as construtoras busquem áreas mais distantes para a construção, incorporando novas áreas a lógica de mercado da metrópole. Esse fato obriga os moradores a realizarem grandes deslocamentos diariamente para vir ao trabalho, isso acaba, também, por estender a área que estão ocupando indefinidamente. Comprometendo inclusive o rural que está integrado cada vez mais a esse processo especulativo. Eu acho, que essa áreas de expansão e de investimentos das cidades, e aí já inclusive o campo, como falei antes, acabam sendo definidas pelos proprietários fundiários e pelas construtoras e obviamente pelo setor imobiliário. O processo de metropolização tem simultaneamente levado ao adensamento de determinadas áreas e ao

espraiamento da metrópole e as operações urbanas de renovação ou de reabilitação urbana, na verdade eles vão mudando os nomes para esconder efetivamente o que isso representa. E logicamente esses processos acabam por gerar uma forte gentrificação. Nós vivenciamos uma transformação que incorpora as dimensões econômica e social, obviamente, grandes investimentos da esfera pública acabam viabilizando a criação ou expansão das áreas centrais, acostumadas a reprodução de capitais financeiros que produz segregação e a procriação desigual do espaço urbano. Não vou perder tempo nisso, mas a gente tem vários exemplos de projetos de revitalização aqui. E eu acho que também é possível pensar que a alteração dessas estruturas pré-existentes, sendo esses espaços metropolitanos ou não, para a transcendência das características metropolitanas a todo o espaço, de alguma maneira a incorporação da dimensão cultural e um ponto crucial, nessa brincadeira. A esfera do consumo vai ganhar proporções desconhecidas, provocando uma alteração profunda na cultura mercantil e vai atingir todos os âmbitos da vida. Os hábitos culturais típicos da metrópole se difundem para além dela, territorializado na mercatificação generalizada. Refletir a metropolização como espaço, implica, considerar o espaço como político, nesse sentido, traz pra cena a prática política do favor urbano e a utopia do direito a cidade é necessário pensar o possível conjuntamente, tendo isso em mente, talvez, possamos encontrar soluções e encaminhamentos para um futuro em construção. Mesmo que essas soluções não sejam as ideais, ao menos devemos nos esforçar para que possam contribuir para demolir as falácias e as mazelas da produção capitalista do espaço nos dias atuais, não resta dúvida de que as estratégias de gestão territorial são também atingidas pelo processo de metropolização do espaço. Quando a gente discute esse processo, vamos perceber políticas públicas bastante questionáveis na sua concepção, execução e nos seus resultados, então, talvez, devêssemos pensar em outras formas de gestão e planejamento, talvez pensando em refletir e viabilizar formas de autogestão que a cento e cinquenta anos, mais do que isso um pouco, um velho barbudo, que não era tão velho a época, e alguns vão dizer que na época era chamado de jovem Marx, e que tentou, de alguma

maneira, nos mostrar alguns encaminhamentos para o esclarecimento do Estado e a construção de uma verdadeira democracia, de uma outra coisa, que não é essa que progrediu como democracia.